

## TENDÊNCIAS DO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO REINO UNIDO\*

T.D. WILSON

Department of Information Studies  
University of Sheffield  
Sheffield S10 2TN  
England

Relata a experiência do Reino Unido em relação à profissão de bibliotecário. Compara o bibliotecário e o cientista da informação, mostrando os pontos de convergência e divergência. Descreve tendências da profissão e do ensino da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

R.M. — Creio saber que o Senhor é um dos poucos professores catedráticos (ou talvez o único) do Reino Unido da disciplina conhecida por Estudos da Informação (*Information Studies*). Antes de entrar para o ensino da Biblioteconomia o Senhor trabalhou em bibliotecas públicas, universitárias e especializadas. Qual é a sua opinião sobre a evolução da Biblioteconomia tradicional para os estudos da informação?

T.D.W. — O meu interesse em atividades ligadas à informação (*information work*) vem do tempo em que eu trabalhava numa biblioteca especializada de uma organização que se ocupava de investigação para a indústria. Portanto, eu nunca consegui fazer uma verdadeira distinção entre Biblioteconomia e Informação. Eu considero estas duas atividades muito relacionadas uma com a outra e dependentes uma da outra. Um serviço de informação eficaz depende da boa organização e correta gestão dos recursos de informação ou, em outras palavras, um serviço de informação depende de um sistema de bibliotecas eficaz, que permita ao especialista da informação a utilização dos recursos para benefício dos utilizadores. Eu pen-

\* Entrevista com o Professor T. D. Wilson, do Department of Information Studies, da University of Sheffield, concedida a Rodrigo Magalhães, Diretor da Biblioteca do British Council em Lisboa, Portugal.

so que no Reino Unido a divisão entre Biblioteconomia e Informação é, provavelmente, menos evidente do que na Europa Ocidental, onde existe uma divisão histórica entre documentalistas e bibliotecários, com os bibliotecários trabalhando fundamentalmente em bibliotecas públicas e universitárias e os documentalistas aparecendo associados à organização da documentação em empresas e, posteriormente, com a disciplina que viria a ser conhecida por Ciência da Informação (*Information Science*).

Historicamente, as pessoas a trabalhar em bibliotecas especializadas na área da indústria, na Inglaterra, eram recrutadas entre os bibliotecários dos setores de referência das bibliotecas públicas, de tal modo que se manteve sempre um elo de ligação entre Informação e Biblioteconomia, através da Library Association. Esta ligação esteve ameaçada durante algum tempo, após o aparecimento do Institute of Information Scientists, mas mesmo essa ameaça agora tende a desaparecer com o I.I.S., ao dar a sua aprovação a *curricula* de cursos ministrados em departamentos que eram originalmente escolas de Biblioteconomia, reconhecendo-os como habilitação apropriada para os seus associados.

R.M. — O Senhor me diz que nunca houve uma verdadeira distinção entre trabalho de biblioteca e Informação no Reino Unido ou que, pelo menos, essa distinção nunca foi tão grande como na Europa Ocidental. Então, porque razão a Escola de Biblioteconomia de Sheffield se preocupou em mudar o nome para Departamento de Estudos da Informação?

T.D.W. — Bom, existem diversas razões. Em primeiro lugar, há a razão-anedota, que é o fato de *Postgraduate School of Librarianship and Information Science* ser um nome demasiado longo para o cabeçalho do papel de carta. Era, de fato, um nome pouco prático, e nós pensamos que o termo Estudos da Informação abarca a Biblioteconomia, a Informação, a gestão de informação e todos os outros aspectos relativos à organização, gestão e utilização de recursos de informação, orientados para grupos específicos de utilizadores. Por exemplo, está-se a dar agora, na Inglaterra, muita atenção ao trabalho de Informação para a comunidade nas bibliotecas públicas e verifica-se que as técnicas e processos utilizados na organização dos materiais para uso da comunidade são os mesmos utilizados numa biblioteca especializada ou pelo cientista da Informação (*Information Scientist*). Não vejo qualquer problema em incluir a Biblioteconomia na grande área agora conhecida por Estudos da Informação.

R.M. — Acha que veremos mais departamentos de Estudos da Informação a evoluir de escolas de Biblioteconomia tradicionais, no futuro, ou parece-lhe mais provável que outras áreas académicas, tais como ciências de computação ou sociologia, por exemplo, também com interesse na informação, venham a organizar cursos e graus nessa disciplina?

T.D.W. — Sim, sim. Penso que as duas hipóteses são possíveis, o que, aliás, já está a acontecer. Para começar, a maior parte das escolas de Biblioteconomia

do Reino Unido já se chamam Departamento de Estudos de Biblioteconomia e Informação ou Departamento de Biblioteconomia e Ciências da Informação. Quantas dessas escolas estarão devidamente equipadas para ensinar as novas idéias, baseadas na investigação a ser feita em sistemas de informação computadorizados ou os modernos conceitos de gestão de informação, é provavelmente questionável. Contudo, elas tiveram, ao menos, a iniciativa de alterar o nome da escola, bem como os nomes dos cursos ministrados.

No que diz respeito a outras áreas acadêmicas, a recente iniciativa do governo central de dedicar o ano de 1982 às tecnologias da informação teve como resultado a criação de novos cursos de mestrado, a maior parte dos quais em departamentos de ciências de computação. Isto significa que uma das áreas de aplicação das tecnologias da informação, nomeadamente a *nossa* área da informação, faz agora parte desses cursos como disciplina de opção. A recuperação de informação e os sistemas de informação aparecem, cada vez mais, nas áreas de ensino dos departamentos de ciências de computação. Uma outra área onde a tecnologia está a criar um grande impacto é a área convencionalmente conhecida por Estudos de Secretariado, a funcionar em estabelecimentos de ensino de nível inferior ao das universidades e politécnicas e que estão a ser agora designados também por Departamentos de Estudos da Informação. Isto se deve ao fato de as funções administrativa e de secretariado estarem agora muito ligadas à informação, por via da introdução das tecnologias de informação nos escritórios; é a área conhecida por *burótica* (*office automation*). Assim, assiste-se a uma crescente sobreposição de funções e de designações.

R.M. — Não acha que este estado de coisas poderá criar alguma confusão, isto é, pessoas e departamentos universitários com interesses acadêmicos diferentes chamando a si a informação ou os estudos da informação?

T.D.W — Sim. É muito provável que isso venha a se verificar, mas eu acho que nós teremos que atravessar, inevitavelmente, uma fase de alguma confusão. Ela não pode ser evitada devido às aplicações cada vez mais vastas das tecnologias da informação. É a tecnologia que está a motivar todas essas mudanças, e as instituições dotadas de uma relativa autonomia não vão ficar limitadas pelas idéias preconcebidas dos bibliotecários e cientistas da informação. Elas vão implementar e desenvolver a área da informação, como acharem melhor, dentro das suas disciplinas próprias e não vai ser possível que alguém de fora as faça mudar de idéia. Portanto, vai haver alguma confusão e as pressões que se irão sentir em virtude de tal confusão não serão necessariamente más para os departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

R.M. — Falando ainda do seu departamento em Sheffield, que tipos de empregos prevê para os seus alunos e em que medida as suas previsões são confirmadas pelos fatos?

T.D.W. — Nós temos três cursos básicos, e por básicos eu quero dizer cursos de pós-graduação, a nível de mestrado, que constituem a formação inicial em Biblioteconomia e Informação para graduados de outras áreas. Um desses cursos é o M.A. em Biblioteconomia, que forma pessoas para trabalharem, fundamentalmente, em bibliotecas públicas e universitárias. Estas são, portanto, áreas tradicionais de estudo e emprego que se mantêm intimamente associadas. Os outros dois cursos são da área dos estudos da informação: um para graduados em ciência ou tecnologia e o outro para graduados em ciências sociais. O curso da área das ciências e tecnologia foi criado fundamentalmente para formar especialistas da informação para instituições públicas ou privadas de investigação e, de fato, foi aí que a maior parte dos nossos alunos ficou colocada. O curso da área das ciências sociais foi criado em resposta a uma procura, cada vez maior, de especialistas da informação para exercer funções em bibliotecas especializadas em economia, finanças e diversas áreas da indústria, bem como em serviços governamentais, tais como os *Ministérios do Ambiente e da Saúde e Segurança Social*. Alguns dos alunos desse curso também encontram colocação em instituições de beneficência e assistência social.

Assim, nós temos uma gama muito vasta de empregadores em potencial para todos os alunos formados pelo departamento, e quando eu digo todos, eles são só 60 ou 70 anualmente, dado que se trata de um pequeno departamento.

R.M. — Gostaria agora de me concentrar na situação da Biblioteconomia e Documentação em Portugal, e gostaria que me desse a sua opinião, com base no seu conhecimento da realidade portuguesa nesta área. Acha que a formação que se faz ou se virá a fazer em Portugal deverá seguir as mesmas linhas de orientação das escolas do Reino Unido ou dos Estados Unidos, ou acharia mais correto que nós, em Portugal, nos concentrássemos mais na área da informação especializada e menos na Biblioteconomia tradicional?

T.D.W. — Eu acho que a resposta a essa pergunta não é nada fácil para uma pessoa de fora. Eu diria que vocês precisam se concentrar quer numa quer noutra área. Você conhece, por exemplo, a situação revelada pelo inquérito às bibliotecas públicas em Portugal, de que eu participei e de onde ressalta uma necessidade muito grande de bibliotecários públicos, caso existissem recursos financeiros para melhorar a situação do sistema de bibliotecas públicas. A necessidade de pessoal formado nas técnicas modernas de Biblioteconomia e Documentação seria considerável e parece-me que o mesmo se aplicaria às bibliotecas universitárias. E, reportando-me ao que eu disse anteriormente sobre a íntima ligação entre as bibliotecas e a informação, não deve ser errado pensar que os centros portugueses de documentação e informação também necessitam de mão-de-obra com formação moderna na Biblioteconomia especializada. Se Portugal quer se manter atualizado nas áreas da informação científica, técnica e cultural, com vistas à futura entrada na Comunidade Económica Européia, num futuro breve, então haverá certa-

mente necessidade de se implementarem sistemas de informação eficazes em todas as áreas da indústria, da administração central, nos institutos de investigação, bem como em todas as áreas da economia, susceptíveis de terem algum impacto no futuro do país.

Eu acho, portanto, que existe uma necessidade em Portugal, quer de bibliotecários quer de especialistas de informação, treinados para utilizarem as técnicas mais modernas de gestão de informação, bem como os mais sofisticados sistemas de informação. Contudo, acho também que não interessa formar pessoas nessa área na ausência de uma infra-estrutura eficaz que elas possam utilizar. Por exemplo, se se treinam pessoas em técnicas de pesquisa *on-line*, elas devem ter boas perspectivas de vir a utilizar sistemas de informação *on-line*, com o devido equipamento informático, um sistema de telecomunicações capaz e recursos financeiros que lhes permitam o acesso a bases de dados internacionais.

É inútil formar técnicos sem que, através de alguma influência política, através de um *marketing* eficaz dos serviços de informação, ou ainda através de ações de relações públicas, se consiga convencer as pessoas, especialmente aquelas em posições-chave, da necessidade de serviços e sistemas de informação. Os utilizadores têm de ser ensinados a exigir serviços de informação eficazes, pois sabemos que as tentativas para melhorar a situação dos serviços de informação, sem que exista uma verdadeira necessidade dos mesmos, são sempre infrutíferas. A questão da formação de bibliotecários ou de especialistas da informação não é mais do que um elemento no panorama geral do desenvolvimento da área, e este panorama engloba a vontade política para introduzir no país sistemas funcionais de bibliotecas públicas, engloba mudança organizacional nas universidades, com a implantação de redes de bibliotecas interligando todos os recursos documentais e informativos dos diversos departamentos e faculdades, e engloba ainda publicidade e promoção dos serviços de informação junto às empresas e departamentos governamentais, para que a procura dos serviços de biblioteca e informação cresça, fora das áreas tradicionais de atuação dos mesmos. Os recursos financeiros para os cursos de formação só aparecerão depois de criada a tal procura dos serviços. A formação em regime de *part-time*, que existe em Portugal, não pode apoiar um verdadeiro desenvolvimento desta área, dado que só com pessoas motivadas e dedicadas ao ensino e à investigação, em tempo integral, será possível dar o apoio e orientação de que os alunos necessitam e, ao mesmo tempo, acompanhar o constante desenvolvimento que a informação está a conhecer.

R.M. — Pensando em termos de futuro, digamos um futuro a médio prazo (e por médio prazo eu quero dizer 10 a 15 anos), acha que continuará a haver necessidade de as escolas de Biblioteconomia existirem independentemente das escolas de Informação ou Ciências da Informação? Pergunto isto pensando, precisamente, no avanço tecnológico que está tendo lugar a um ritmo verdadeiramente assustador.

T.D.W. — É difícil antever o futuro a essa distância. Quero dizer, a lei fundamental das previsões é que as previsões estão sempre mal, mas o problema é que nós nunca sabemos em que sentido e até que ponto elas estarão mal. Posto isto, se eu arriscasse uma previsão, eu diria que nos próximos 10 a 15 anos o bibliotecário continuará a ser necessário. A área onde antevejo dificuldades, no sentido de se manter uma área de estudo autônoma, pelo menos nos Estados Unidos e no Reino Unido, é a área dos cientistas da informação. Eu vejo a relação entre o bibliotecário e a instituição chamada biblioteca como uma relação que durará certamente de 10 a 15 anos e se manterá, provavelmente, para sempre. A área dos cientistas da informação parece-me, contudo, em perigo de ser absorvida pelas áreas das ciências de computação e da administração de empresas, isto é, por gestores de organizações que, através do controle da tecnologia e da sua alta posição hierárquica, terão a capacidade de determinar o futuro dos sistemas de informação, na organização. A área dos cientistas da informação está, ainda, ameaçada por níveis mais baixos das organizações, notadamente pelos níveis de secretariado e administração, em virtude do tipo de formação que as pessoas a estes níveis começam agora a ter. Penso que, a menos que o ensino das ciências da informação, no seu país, mude e se oriente mais no sentido da gestão da informação (*information management*) com ligações mais íntimas com a gestão empresarial e com os administradores da informática, é muito provável que o mercado de trabalho tradicional para o cientista da informação venha a ficar consideravelmente reduzido.

R.M. — Uma última questão: o que é que quer dizer pela expressão *gestão de informação (information management)* quando diz que os cientistas da informação deveriam se orientar mais para o trabalho em conjunto com a gestão empresarial e os administradores da informática, transformando-se em *gestores de informação*?

T.D.W. — Ultimamente, todo mundo fala em gestão de informação, e as definições dessa área são variadas. Não é ainda muito claro o que é que o termo significa exatamente, mas o homem que mais tem escrito sobre essa matéria — o americano F.W. Horton — utiliza a expressão considerando a informação como um recurso organizacional, isto é, ele considera a informação como sendo a totalidade dos recursos informativos da organização, e não só aquela contida nas espécies tradicionais encontradas em bibliotecas e centros de documentação. Neste contexto, a informação engloba dados contábeis e financeiros, engloba a documentação interna das atividades da organização, engloba os dados sobre o pessoal, bem como qualquer outro tipo de informação utilizada e disponível dentro da organização. Esta idéia apareceu quando a administração das empresas começou a aperceber-se, através das novas técnicas de armazenamento, manipulação e apresentação de dados de todos os tipos, de que a informação custa dinheiro. E, se a informação custa dinheiro, ela tem que ser eficazmente gerida. Assim, se nós conseguirmos provar

que a informação proveniente da investigação também custa dinheiro e que também tem o seu impacto no funcionamento da organização, então teremos um argumento válido para pretender que este tipo de informação seja integrado e tratado como as outras categorias de informação organizacional.

Muitas das técnicas desenvolvidas para a gestão de informação documental — os índices, a recuperação automatizada da informação ou as bases de dados, por exemplo — têm uma aplicação potencial aos outros tipos de informação. É precisamente através dessas técnicas, e especialmente através do conhecimento de formatos normalizados (voltando aos catálogos tradicionais das bibliotecas) e da experiência adquirida com os vocabulários controlados (*thesauri*) que os bibliotecários e técnicos da informação poderão desempenhar um papel importante na gestão da globalidade dos recursos de informação da organização. Até o momento as bibliotecas especializadas, especialmente em áreas da indústria, existem intimamente ligadas ao departamento de investigação. Ora, o departamento de investigação está sempre muito exposto e pode ser simplesmente fechado ou ter as suas atividades suspensas, sempre que a administração considerar que a investigação está sendo demasiado cara, arrastando consigo, como é evidente, a biblioteca. Todavia, se houver uma integração da informação oriunda das atividades de investigação com os outros tipos de informação da organização, isso traria, inevitavelmente, o técnico da informação para uma posição muito mais central na vida da instituição. Tive muito interesse em constatar, numa visita que fiz recentemente à Finlândia, que uma bibliotecária dependia, na hierarquia, diretamente de um administrador, devido ao fato de a informação por ela tratada ser especialmente informação de tipo econômico-financeiro, dando-lhe por isso uma posição muito central na sua organização.

É minha convicção, pois, que, a menos que consigamos trazer os bibliotecários e técnicos da informação para uma posição mais central na organização onde desempenham a sua atividade, seja ela qual for, eles serão sempre um tanto marginalizados em relação à atividade da organização. E se eles são marginalizados eles poderão ser sempre afastados ou *apagados* mais facilmente. O conceito de gestão de informação, visto nestes termos, poderá dar-nos a via de que necessitamos para atingir a tal posição mais central.

**Abstract:**

**Trends in Librarianship and Information Science in the United Kingdom**

Answering the questions of an interview conducted by Rodrigo Magalhães, librarian of the library of the British Council in Lisboa, Dr. T.D. Wilson, Head of the Department of Information Studies of the University of Sheffield, describes the experience of the United Kingdom in relation to the profession of librarian and information scientist.

Points of convergence and divergence are compared. Trends of the professions are described.

*Entrevista recebida em 20.10.84*